

**AS RELAÇÕES SIMBIÓTICAS ENTRE JORNALISTAS E DISPOSITIVOS
MÓVEIS COMO OBJETO DE PESQUISA DENTRO DO CAMPO DA
COMUNICAÇÃO**

Marcio Morrison Kaviski Marcellino¹

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo compreender a relação simbiótica entre jornalistas e dispositivos móveis como objeto de pesquisa no campo comunicacional. Como objetivo específico, o estudo busca identificar quais os pilares comunicacionais das relações simbióticas; O trabalho se norteia pela seguinte pergunta de pesquisa: Como as relações simbióticas se constroem como práticas e processos comunicacionais no Campo da Comunicação? Constrói-se a relação simbiótica entre jornalistas e smartphones por meio da tensão entre aspectos teóricos desenvolvidos pelos seguintes autores: Marshall McLuhan (1964); Mark Deuze (2013); Derick de Kerchove (2009) e Joel de Rosnay (1997). Compreende-se que as relações simbióticas são resultados de tensões comunicacionais existentes em dois polos: jornalistas e dispositivos móveis, mais especificamente os *smartphones*. Parte-se da questão de Campo e da pesquisa em Comunicação no desenvolvimento teórico dos seguintes autores: José Luiz Braga (2004), Jairo Ferreira (2004), Luiz Sá Martino (2007) e Francisco Rudiger (2012).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Dispositivos Móveis; Relações Simbióticas; Epistemologia; Comunicação.

**SYMBIOTIC RELATIONSHIPS BETWEEN JOURNALISTS AND MOBILE
DEVICES AS A RESEARCH OBJECT WITHIN THE COMMUNICATION
FIELD**

ABSTRACT

The main objective of this article is to understand the symbiotic relationship between journalists and mobile devices as an object of research in the communicational field. As a specific objective, we want to identify what are the communication pillars of symbiotic relationships; The work is guided by the following research question: How are symbiotic relationships composed as communicational practices and processes in the field of communication? The symbiotic relationship between journalists and smartphones is built through the tension between theoretical aspects developed by the following authors: Marshall McLuhan (1964); Mark Deuze (2013); Derick de Kerchove (2009) and Joel de Rosnay (1997). It is understood that symbiotic relationships are the result of communicational tensions existing in two poles: journalists and mobile devices, more specifically smartphones. It starts from the question of Field and research in Communication in the theoretical development of the following authors: José Luiz Braga (2004), Jairo Ferreira (2004), Luiz Sá Martino (2007) and Francisco Rudiger (2012).

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com bolsa taxa CAPES. Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e graduado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Membro dos grupos de pesquisa LACIM (UNISINOS) e Intercom (UTP).

KEYWORDS: Journalism; Mobile devices; Symbiotic Relations; Epistemology; Communication.

INTRODUÇÃO

As práticas comunicacionais se alteraram drasticamente nos últimos anos com o avanço das tecnologias móveis como os *tables* e *smartphones*. Os próprios veículos de comunicação, como portais on-line ou até mesmo a televisão, tiveram que se adaptar na produção, distribuição e consumo dos seus produtos midiáticos.

A ubiquidade², característica dessa relação entre jornalistas e dispositivos, permite que os profissionais da comunicação consigam trabalhar em qualquer lugar e momento. É comum observar jornalistas fazendo *lives* nos locais de acontecimento dos fatos, por exemplo. Essa movimentação também acontece na perspectiva dos leitores e internautas dos jornais. Com a ubiquidade, o nível de interação tomou proporções gigantescas com o compartilhamento de conteúdos noticiosos nas redes sociais, troca de informações e até mesmo produção de forma colaborativa.

Todas essas movimentações nas práticas e processos comunicacionais por meio das relações entre dispositivos e jornalistas necessitam de um olhar na perspectiva científica. Por se tratarem de fenômenos relativamente novos, ainda há uma necessidade de constituir essas ocorrências como parte das pesquisas no Campo Comunicacional.

Com decorrência dos fatos apresentados acima, o presente artigo se norteia pela seguinte problemática de pesquisa: Como as relações simbióticas se compõem como práticas e processos comunicacionais no Campo da Comunicação?

Com isso, tem-se como objetivo principal desse artigo compreender as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis como objetos de pesquisa no Campo da Comunicação. Vale ressaltar que as relações simbióticas são construídas com uma perspectiva de transdisciplinaridade, uma vez que seu conceito matriz é oriundo das ciências biológicas.

² Fato de estar em todos os lugares a todo o momento. Segundo João Canavilhas (2014), essa é uma das sete principais características do jornalismo na era digital. O conceito é tensionado posteriormente.

O artigo é dividido em três principais eixos de reflexão e discussão. O primeiro deles, sobre o Campo da Comunicação em que foram desenvolvidas ideias sobre a perspectiva comunicacional: suas origens, percepções e enquadramentos de pesquisas.

Em segundo momento é realizada uma abordagem conceitual das relações simbióticas, essa descrição do conceito é importante para o tensionamento do mesmo como objeto de pesquisa no Campo Comunicacional. São usados autores base para esse desenvolvimento McLuhan (1964); Mark Deuze (2013); Derick de Kerchove (2009) e Joel de Rosnay (1997).

Por último, apresenta-se o tensionamento das relações simbióticas como objetos de pesquisa do Campo da Comunicação a partir das três âncoras da pesquisa: meio (dispositivos); produção (jornalistas) e em último momento o contexto da midiatização.

O CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Para compreender as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis como objetos de pesquisa comunicacional é necessário entender as origens, percepções e enquadramentos de pesquisa que são tensionados no Campo da Comunicação.

a) Perspectivas de origens do Campo da Comunicação

Em uma primeira perspectiva da origem do campo, Francisco Rudiger (2012) aponta que os estudos na Comunicação são oriundos na Alemanha. Nesse contexto, a formação de uma cultura de massas e as questões sociais chamava a atenção dos intelectuais. Porém, segundo o autor, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, os estudos sobre a imprensa perpassavam por outros campos de pesquisa. “O jornalismo e a imprensa eram objetos de estudos e ciclos de conferências, ainda que em âmbitos como os da economia e da história” (RUDIGER, 2012, p. 107).

Alguns anos depois, durante o período da Segunda Guerra Mundial, os teóricos alemães “entenderam a nova disciplina como o estudo científico da comunicação pública através da imprensa, rádio, disco, exposições, comícios e outros meios de publicidade dirigidos à massa anônima” (RUDIGER, 2012, p.111). Em uma perspectiva

epistemológica e metodológica, o enquadramento era de uma natureza normativa em vez de empírica.

Após a queda do regime nazista na Alemanha, os estudos em Comunicação se voltaram para um olhar publicista. Segundo Rudiger (2012, p.2012), “a publicística trata de conteúdos e não dos meios, dos processos e não dos veículos de comunicação. O foco está na mensagem e, nesta, muito mais no conteúdo do que na forma”. Em resumo, os estudos em Comunicação na Alemanha são oriundos de uma forte ligação com a esfera pública, no qual os processos comunicacionais são, também, processos sociais.

Serge Proulx (2014) tece suas reflexões sobre as origens nos Estados Unidos afirmando que os estudos no país têm a institucionalização do campo como um ponto a ser debatido. Segundo o autor, os estudos dessa perspectiva estão ligados ao contexto da Segunda Guerra Mundial. No ponto de vista norte americano há ainda duas propostas teóricas: o funcionalismo e a cibernética.

Segundo Mauro Wolf, a “teoria funcionalista das comunicações de massa representa um momento significativo de transição entre as teorias precedentes sobre os efeitos em curto prazo e as sucessivas hipóteses sobre os efeitos a longo prazo” (2005, p. 50-51). É importante ressaltar que os estudos visavam principalmente a propaganda como ferramenta de manipulação no período de guerras.

Já a outra perspectiva, a cibernética, tem como objetivo compreender o controle das relações entre máquinas e seres vivos, em especial a comunicação entre esses agentes. Para Ciro Marcondes Filho, a “cibernética seria entendida melhor como pensamento ou filosofia, porque, se nela a ciência é vista e desenvolvida como pesquisa, o cunho programaticamente construtivo desta é, por outro lado, indissociável de uma fantasia utópica” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 56).

A perspectiva Francesa, que se aproxima das noções e tensões comunicacionais construídas no Brasil, propõe que as Ciências da Comunicação são oriundas de tradições de campos semelhantes entre si. É nesse enquadramento que Robert Boure (2015) afirma que o Campo da Comunicação possui uma origem plural. O autor ainda debate sobre a influência das letras e das humanidades em nossas pesquisas.

Há ainda, como foco de análise dos estudos franceses, um tensionamento entre as questões de recepção e produção de conteúdo, debate valioso epistemologicamente

para pesquisas que discutem, por exemplo, os efeitos e sentidos das mensagens em circulação nas redes sociais.

Após um tensionamento entre perspectivas e origens do Campo da Comunicação é necessário adentrar ao próprio campo, compreendendo tensões ainda existentes sobre as ramificações de pesquisa dentro da Comunicação. Afinal, o que faz um objeto ser passível de discussão dentro da perspectiva da comunicacional?

b) O Campo da Comunicação – Tensões ainda em curso

A Comunicação enquanto Campo científico ainda é um assunto debatido entre os próprios pesquisadores da área. Por existir uma origem plural, como foi possível observar no item anterior, a constituição da Comunicacional enquanto Campo instiga debates sobre disciplina, teorias intermediárias, interdisciplinaridade e sobre os próprios objetos de estudo.

Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2007) reflete sobre a Comunicação estar inserida em um contexto de disciplina ou doutrina. Para a autora, uma disciplina só aparece nas Ciências Sociais após uma longa trajetória de práticas quando se transforma então em doutrina.

As várias disciplinas das ciências sociais são disciplinas? Etimologicamente, a palavra disciplina é vinculada a discípulo ou estudante e é antitética à doutrina que é a propriedade do doutor ou professor. Portanto, doutrina concerne à teoria abstrata e disciplina é relativa à prática e ao exercício. A primeira tem a ver com a produção e a segunda com a reprodução do conhecimento. Na história das ciências sociais, uma disciplina só aparece depois de um longo trajeto de prática quando torna-se doutrina, ensinada e justificada pelos doutores e professores. Mas com isso, pergunta-se o autor, atingiu-se um nível defensável e coerente de análise ou apenas separou-se um assunto? (LOPES, 2007, p.9)

Uma longa trajetória de discussões, como aponta Maria Immacolata, é um ambiente propício para a criação de teorias no Campo da Comunicação. Mas, afinal, as teorias discutidas na Comunicação são originárias da nossa base científica? Temos teorias propriamente ditas como da Comunicação e desenvolvidas enquanto Campo?

Luiz Martino (2007) crê na existência das teorias da Comunicação. Para o autor, mesmo com os empecilhos epistemológicos do Campo, as tensões trabalhadas nas pesquisas e a própria crença em nossas discussões bastam. “O verdadeiro problema que se coloca é a da crença sobre a existência de um corpus teórico de um saber

propriamente comunicacional. O que está em jogo é a autonomia dessa área de estudos questionada em sua capacidade de gerar conhecimentos. Leiam-se conhecimentos próprios, gerados a partir de teorias da comunicação” (MARTINO, 2007, p.9).

Nessa perspectiva de tensionamentos e encontros entre propostas teóricas e epistemológicas, Jairo Ferreira aponta que “o campo de conhecimento não são “celas e jaulas” onde os agentes estejam condicionados conforme teorias, paradigmas ou normas do fazer científico. Nesse sentido, o campo é dinâmico e se auto-organiza” (2004, p.3). Ainda segundo o autor, a epistemologia não resulta de um processo puro uma vez que as questões epistemológicas se articulam no campo justamente em lugares de negociação e conflito.

Para a compreensão de nossos objetos na perspectiva de um Campo da Comunicação, José Luiz Braga (2004) acredita que observar os indícios que o objeto lhe concede é uma das formas de tensionar os lugares de negociação presentes em nossas pesquisas. Segundo o autor, “a área desenvolva também outros espaços de elaboração teórica, não primariamente voltada para a formulação de regularidades abrangentes; mas, sim, mais perto dos fenômenos de seu interesse, procurando desenvolver aí, na concretude de “particulares”, fundamentações relacionadas à construção do campo de estudos” (BRAGA, 2004, p. 4).

Para compreender como debater as relações simbióticas, que categoricamente são identificadas como objeto de outra ciência, como um problema de pesquisa do campo comunicacional, é necessário tensionar o próprio conceito em seu cerne com questões da comunicação.

AS RELAÇÕES SIMBIÓTICAS

Para o desenvolvimento teórico e reflexivo deste artigo, é necessário compreender as discussões, origens e aportes do conceito de relações simbióticas e suas intervenções como fenômenos comunicacionais.

O teórico francês³, Joel de Rosney, aborda o conceito do homem simbiótico durante os anos 1990. Para o autor, essa relação entre homem-máquina “não será um super-homem; bio-robô; supercomputador, megamáquina, mas simplesmente o homem simbiótico, em parceria estreita, se conseguir construí-la, com o sistema societal que exteriorizou a partir de seu cérebro, de seus sentidos e músculos” (ROSNEY, 1997, p.21).

Rosnay (1997) aponta ainda para o que ele chama de revolução da informação, em que, os meios de comunicação vão ditar regras sociais, modificar sistemas e complexificar as relações em sociedade.

Estamos entrando, agora, na revolução da informação e da comunicação que deverá se operar em alguns decênios. Essas evoluções conduzem a um aumento da complexidade da sociedade e das organizações, sistemas e redes que estão ao nosso encargo. Uma complexidade que desafia nossos métodos tradicionais de análise e ação (ROSNAY, 1997, p.27).

Porém, o próprio autor faz uma crítica ao conceito de simbiose⁴. Para ele, o cibionte é um modelo presumido:

A metáfora do cibionte é um modelo hipotético e simplificador, destinado a favorecer uma tomada de consciência: a da próxima etapa – e, em minha opinião, provável – do desenvolvimento da espécie humana em co-evolução com suas máquinas e organizações (ROSNAY, 1997, p.23).

As críticas se concentram ao fato de que, segundo Rosnay, há diversos fatores que implicam em tempos cronológicos sociais distintos na prática simbiótica. São levantados pontos importantes como as desigualdades sociais, religião, violência e medo. Esses fatores diferenciam as relações entre homens e máquinas em diferentes níveis. Ou seja, o teórico afirma que as relações simbióticas não são as mesmas nas diversas camadas da sociedade.

Os apontamentos do teórico francês surgem em perspectivas das ciências da saúde e da antropologia. Porém, autores da comunicação também dialogavam sobre a

³ Apesar de ter origem na França, a base teórica do autor é construída nos EUA, local onde realizou seus estudos pós-graduais, no MIT.

⁴ De acordo com o autor, o conceito de simbiose é definido pela “symbionomia como o estudo da emergência dos sistemas complexos por auto-organização, auto-seleção, co-evolução e simbiose [...] Uma das vias privilegiadas da evolução simbiótica é a simbiose. Essa noção aplica-se, em geral, a organismos vivos, mas vários autores estenderam-no a associações entre o homem e sistemas não vivos” (ROSNAY, 1997, p.69).

relação entre homem-máquina com uma visão epistemológica ligada ao cenário comunicacional.

Um dos primeiros autores a articularem as ideias da relação entre os meios de comunicação e o homem foi Marshall McLuhan em “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem”. Canadense, McLuhan é o principal autor da Escola de Toronto que compreendia que os meios comunicacionais reconfiguram o modo no qual a sociedade está inserida culturalmente e socialmente.

Marshall McLuhan (1964) reflete em sua obra sobre os meios de comunicação como extensões do homem. O autor cita facilidades e componentes do nosso dia a dia como extensões de nós mesmos. Como por exemplo: martelo do braço, a roda seria uma extensão da perna e o alfabeto uma expansão da linguagem humana.

Os meios de comunicação de massa também podem ser vistos como extensões do homem. O rádio, por exemplo, é interpretado como uma extensão auditiva do ser humano. Com o avanço das mídias sociais, as ideias propostas pelo autor canadense têm sido rediscutidas, tomando outras proporções epistemológicas e teóricas.

Um de seus herdeiros, membro da Escola de Toronto, é Derrick de Kerckhove. O autor compreende as mídias sociais na sociedade como extensões de nós mesmos. Para ele, criamos perfis para expressar nossas vontades, desejos, segredos, ou seja, para estendermos quem somos de um ambiente off-line para um on-line. “Recorremos à internet e às redes sociais para expressar e compartilhar a indignação, a felicidade, o ódio e a ironia” (KERCKHOVE, 2015, p. 54).

A possibilidade de externar os sentimentos on-line, com o auxílio de dispositivos móveis, a todo o momento com a característica da ubiquidade, cria uma relação mais próxima entre indivíduos e tecnologia. Algo próximo do que Joel de Rosnay chamava de relação simbiótica ou simbiote. Com isso, as mídias móveis se tornam a materialização do próprio ser, onde não existe distinção entre o que está na rede e o que está fora dela.

Ou seja, as extensões entendidas por esse trabalho e pelo conceito de relações simbióticas vão além das materialidades e das mediações. Os simbiotes são a unificação de sentimentos, percepções, vontades, inquietações e desejos, em um espaço

desterritorializado, que nasce da interação quase ininterrupta dos seres humanos com seus aparatos tecnológicos.

Por ser um movimento global ligado à midiatização, as relações simbióticas afetam as mais diversas camadas sociais. Os profissionais de comunicação são incorporados nesse conceito. Os dispositivos móveis fazem parte das redações de jornalismo, agências de publicidade e são ferramentas presentes nas relações públicas.

O autor holandês Mark Deuze (2013) acredita que as mídias móveis, em constante contato com a sociedade, produzem novas formas de sociabilidade. Porém, para o teórico, o uso excessivo dessas tecnologias pode ocasionar o que o autor chama de fenômeno zumbi. De acordo com Deuze:

Esse uso intensivo e imersivo pode ser visto como nossa transformação em viciados impotentes, escravos das máquinas – zumbis. Nós somos zumbis no sentido em que sucumbimos acéfalos ao chamado de nossos aparelhos; somos zumbis porque usamos as mídias de modos que apagam nossas distinções como indivíduos; gravamos e remixamos a nós mesmos e uns aos outros com as novas tecnologias e nossa sociedade se zumbifica enquanto navegamos por ela –voluntariamente ou involuntariamente – aumentada por tecnologias de virtualização. (DEUZE, 2013, p. 114).

Como afirma Deuze, a zumbificação causada pela relação com os dispositivos móveis remixa a nossa própria percepção de nós mesmos e perante a sociedade. No jornalismo, a zumbificação pode ser vista como um empecilho uma vez que a dependência de aparelhos como os *smartphones* pode atrapalhar na produção de conteúdo noticioso. Ou seja, os dispositivos móveis são utilizados nas redações para as mais diversas atividades da profissão: elaborar pautas, editar conteúdos, entrar em contato com as fontes, gravar programas como *podcasts*, vídeos e tirar fotografias.

A proposta de Mark Deuze (2013) ultrapassa o sentido dado por McLuhan (1964) dos meios de comunicação como extensões do homem e do que Derrick de Kerckhove propõe como extensões on-line e off-line. O que Mark Deuze apresenta é uma leitura contemporânea do simbiote presente na literatura de Joel de Rosnay.

Apesar da visão de Mark Deuze, as relações simbióticas não são como uma prisão, uma zumbificação, mas como um elo entre dois corpos que permite a imersão

em uma ambiência⁵ midiaticizada. Ou seja, os dispositivos, os meios, não são apenas mediadores no processo simbiótico. São ao mesmo tempo passagem e local para novas práticas midiáticas emergirem.

Por mais que a relação simbiótica entre dispositivos móveis e jornalistas esteja em vigência nas redações e portais, como foi possível observar na pesquisa exploratória, é necessário epistemologicamente, compreender como esse simbiote se enquadra como objeto de pesquisa dentro do Campo da Comunicação.

AS RELAÇÕES SIMBIÓTICAS COMO OBJETOS DE PESQUISA DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Pensar as relações simbióticas dos jornalistas com seus dispositivos móveis como objetos de pesquisa do Campo Comunicacional requer compreender quais são os principais componentes, ou esferas, dessa relação. O primeiro deles é o próprio meio, os aparatos tecnológicos móveis (*tablets* e *smartphones*). O segundo aspecto que deve ser analisado é o da produção, caracterizado pelos próprios jornalistas, responsáveis por produzir o conteúdo noticioso. O terceiro eixo levantado como fator de análise é a midiaticização enquanto contexto e teoria.

a) Eixo de análise dos Meios

Os meios de Comunicação de massa fazem parte das pesquisas de diversos campos científicos. Foram estudados durante muito tempo pelas Ciências Sociais e pela Psicologia, por exemplo. Como eixos centrais de pesquisa em Comunicação, apareceram fortemente na Escola de Toronto (Canadá) com autores como Marshall McLuhan e Derrick de Kerchove.

Na perspectiva das relações simbióticas é necessário olhar esse meio não apenas como uma ferramenta ou um dispositivo que media as relações, mas como um ator que auxilia a sociedade – e em consequência os jornalistas – em uma imersão a um ambiente

⁵ Aqui se compreende ambiência pelo conceito de Pedro Gilberto Gomes (2017). O conceito será tensionado teoricamente posteriormente neste artigo.

mediatizado. Ou seja, o meio além de ser o próprio meio também é parte de uma ambiência.

O meio se torna parte de uma ambiência justamente pela característica da ubiquidade. John V. Pavlik (2014) afirma a ubiquidade é determinada por algo ou alguém ser encontrado em todos os lugares ao mesmo tempo. Esse conceito foi amplificado pela potência da internet. Em uma perspectiva de mídia, o autor argumenta:

No contexto da mídia, a ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de computadores interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet (PAVLIK, 2014, p. 160).

Como é possível observar com a fala de Pavlik, a característica do meio enquanto dispositivo permite o ser/estar ubíquo e, com isso, surgem uma gama de funcionalidades e possibilidades de processos comunicacionais que merecem a atenção de pesquisadores do Campo.

b) Eixo de análise da Produção

O eixo centrado na produção, nas relações simbióticas, volta seus olhares para o “fazer jornalístico” e suas alterações em um contexto de midiatização⁶. Segundo Barbosa e Seixas, “Os dispositivos móveis encontram-se em estágio ascendente de adoção, seja por parte das organizações jornalísticas, bem como de outros produtores de conteúdo” (2013, p. 57). As redações de jornalismo não precisam mais de inúmeros equipamentos já que, com os celulares, é possível realizar atividades das mais diversas naturezas: produção de vídeos e textos, contato com a fonte, apuração de informações, gravação de entrevistas, elaboração de pautas, troca de informações com a sociedade e contato nas redes sociais. Essa relação é o que Silveira (2017) denomina de Jornalismo Ubíquo, ou seja, “aquele feito com e para as tecnologias digitais” (SILVEIRA, 2017, p. 416).

⁶ Esse contexto será explorado devidamente no próximo eixo.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o “fazer jornalístico” tornou-se mais cômodo com os dispositivos móveis uma vez que um único aparelho é capaz de suprir todas as funções necessárias para um jornalista multimidiático – que precisa produzir, editar e publicar um conteúdo. Barbosa e Seixas (2013) apontam que a tecnologia móvel incide no movimento. A conectividade é desterritorial e vai depender dos usos dos atores envolvidos no processo. Nesse sentido, as autoras compreender os dispositivos como “dispositivos pessoais, como um complemento insubstituível do sujeito social” (BARBOSA; SEIXAS, 2013, p. 59). Essa aproximação do dispositivo com o jornalista, com o sujeito social, reafirma a proposta de simbiose.

Essa relação simbiótica se amplificou ainda mais durante a pandemia da COVID-19. As redações se fragmentaram com os trabalhos em *home office* e os jornalistas tiveram que se adaptar na produção e distribuição de produtos jornalísticos construídos com os dispositivos móveis. Silveira (2017) compreende que as relações entre os profissionais de comunicação e aparelhos se tornam cada vez mais intrínsecas, tornando essa aproximação indispensável. “Na medida em que o ciberespaço se funde ao próprio espaço de vida do ser humano, ele se torna ainda mais significativo e indispensável” (SILVEIRA, 2017, p. 417).

Firmino da Silva (2013) destaca que essa proximidade entre jornalista e dispositivos móveis modificou o perfil profissional. Para o autor, há uma gama de fluxos e complexidades que emergem do que é denominada uma relação simbiótica.

Estamos enfocando, assim, a constituição de um novo perfil profissional cuja descrição da relação com o artefato e os resultados dessas ações nos encaminha para uma compreensão da complexidade das funções e dos fluxos exercidos na produção da notícia no cenário de convergência jornalística e de mobilidade (SILVA, 2013, p. 93).

As reconfigurações da produção jornalística, portanto, imperam sobre as relações simbióticas e as práticas e processos comunicacionais em redações cada vez mais fragmentadas e independentes de aparatos diversos. Por isso, conclui-se que a produção é um fator de análise importante sobre as relações simbióticas, uma vez que várias ações jornalísticas acontecem e emergem desse elo entre dispositivos e jornalistas, enquadrando esse eixo em uma possibilidade de tensionamento de pesquisas do Campo da Comunicação.

c) Eixo de análise da Mídiação

A mídiação, apesar de ser retratada aqui nesta pesquisa como a última discussão, é um eixo central das relações simbióticas como objetos de pesquisa do Campo Comunicacional. O contexto da sociedade midiada serve como ponto de partida para compreender as práticas existentes e as que emergem do elo entre jornalistas e dispositivos móveis.

Para localizar a mídiação como central nesse processo é necessária a discussão de dois conceitos primordiais que estão presentes na relação abordada neste artigo. O primeiro deles, o conceito de ambiência, rege o *locus* central de funcionamento do processo. Sem esse contexto, dificilmente as engrenagens da relação simbiótica entrariam em movimento. Mas afinal, qual é o significado da ambiência e o que ela representa no contexto das relações simbióticas e da mídiação?

Pedro Gilberto Gomes (2017) discute uma “era da civilização unificada” em que as tecnologias auxiliam na criação de um sistema nervoso para a humanidade. É nesse contexto exposto pelo autor que se situa a mídiação, os dispositivos não estão mais inseridos em um quadro de mediação. Para o autor:

A sociedade em processo de mídiação é maior, mais abrangente, que a dinâmica da comunicação até agora levada a cabo na chamada sociedade dos meios. Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual; mas a sofisticação tecnológica, amplamente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos de sociedade em mídiação (GOMES, 2017, p.134).

Em suma, para o autor, o processo de ambiência da mídiação nos enquadra em um “novo modo de ser no mundo” em que o tecido social é modificado. Ou seja, as relações sociais se alteram como uma nova realidade imposta socialmente: o processo tecnológico aproxima atores sociais e a circulação de sentidos cria uma gama infinita de possibilidades de interação.

Partindo desse pressuposto, as mais diversas ações em sociedade também são modificadas, criando novos sentidos. Podemos observar as mudanças que ocorreram nos últimos anos: existem transmissões de partos ao vivo, aulas simultâneas on-line,

museus com obras sendo expostas via internet, a plataformização do trabalho com aplicativos como o *Uber* e *Ifood*, por exemplo.

Uma das mudanças observadas com essa ambiência da midiatização é no jornalismo diário. Como exposto nos itens superiores, a ubiquidade é uma aliada no processo da midiatização em sociedade e isso não é diferente para os profissionais da comunicação. O “ato de fazer jornalismo” se transforma radicalmente com os avanços tecnológicos e as percepções sociais. Isso pode ser visto nos *Stories*⁷ em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, nas redações convergentes, nos profissionais multimidiáticos e no “ao vivo” sendo transmitido no lugar do acontecimento com o auxílio de *smartphone*.

O segundo conceito primordial que surge com a midiatização como eixo central de análise das relações simbióticas como objetos de pesquisa no Campo da Comunicação é a circulação. Com a ambiência midiatizada, os processos circulatorios são acionados com uma velocidade em progressão geométrica. É nessa perspectiva que Antônio Fausto Neto (2015) afirma que o campo dos media se modifica com a midiatização. Para o autor, há um deslocamento da problemática de campo para os fluxos e discursos.

As relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis não alteram somente o “ato de fazer jornalismo”, mas todo um cenário de participação de atores que não tinham o mesmo papel dentro das práticas e processos comunicacionais em contextos anteriores. É comum observar os internautas discutindo pautas de notícias na rede, sugerindo novos assuntos a serem tratados, criando bolhas de opinião com notícias que interessam somente suas visões sociais e de mundo. Todas essas ações de circulação de informação e sentido são acionadas e reforçadas pelas possibilidades que os jornalistas têm com a facilidade de produzir conteúdo com um objeto na palma de suas mãos.

Por isso, é possível enquadrar o eixo da midiatização como central nas pesquisas sobre as relações simbióticas, uma vez que é nesse contexto em que são tensionados os aspectos de meio e produção. Além disso, o processo de ambiência com as redações e

⁷ Linguagem narrativa que nasceu com o *Snapchat* em 2011 e que permite o envio de fotos, vídeos curtos que têm duração de 24 horas e se apagam com o tempo. Essa narrativa também modifica epistemologicamente as questões da memória no Campo Comunicacional.

profissionais e o processo circulatório, que é acionado e amplificado com essas relações, são pontos de discussão que se enquadram em pesquisas oriundas do Campo da Comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seguinte trabalho tinha como pergunta de pesquisa: Como as relações simbióticas se compõem como práticas e processos comunicacionais no Campo da Comunicação? Compreende-se que essas relações, como foi possível observar no item anterior, estão inseridas em uma ambiência midiaticizada, ou seja, em um contexto de midiaticização em que a produção e o meio têm papel fundamental no enquadramento de pesquisas em Comunicação.

Conclui-se ainda que as relações simbióticas fornecem uma gama de possibilidades de interação entre o conceito e o Campo da Comunicação. É possível observar a questão da ubiquidade na relação, a produção de conteúdo por parte dos jornalistas, a midiaticização como ambiência na relação entre dispositivos móveis e jornalistas e a circulação de sentidos e informações acionadas com as interações que são proporcionadas por esse conceito são algumas das tensões encontradas nesse processo. Como afirma Jairo Ferreira (2004, p. 7), “os objetos são diversos conforme as teorias que os informam”.

Ainda é possível afirmar que os principais eixos de análise encontrados como emergentes nesse processo são: os meios (dispositivos), a produção de conteúdo por parte dos jornalistas (o fazer comunicacional) e a midiaticização (como contexto e ambiente). Todos esses eixos da relação simbiótica são indissociáveis em seu processo. Ou seja, devem ser levados em conta juntos enquanto objetos de pesquisa no Campo Comunicacional. Apesar disso, a midiaticização – pelo viés dos conceitos de ambiência e circulação – aparece como vetor de partida e origem dessa relação.

Identifica-se, como pesquisas futuras, a necessidade de levantar esses questionamentos empiricamente a fim de observar como essas relações funcionam em um ambiente de prática. Ou seja, como a teoria se tensiona no contexto em que vivemos, a midiaticização.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia. Jornalismo e dispositivos móveis: percepções, usos e tendências. In: BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana (Org). **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Labcom, 2013.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação disciplina indiciária**. Revista da USP, 2004.

BOURE, Robert. A história das ciências da informação e da comunicação na França: O caso das origens literárias das CIC. **Revista Questões Transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação**. Vol. 3, nº5, janeiro-junho, 2015.

DEUZE, Mark. Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver). **Matrizes**. N 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/478/pd>>

FAUSTO NETO, Antônio. Pisando no solo da mediatização. In: SÁGUA, João; CÁDIMA, Francisco Rui, (Orgs). **Comunicação e linguagem: novas convergências**. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, 2015.

FERREIRA, Jairo. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: LEMOS, André; PRYSTON, Angela; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de. (Org.). **Mídia.br**. Livro da XII Compós - 2003. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2004, v. 1, p. 115-129.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à mediatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, Coleção Focus 2017.

KERCKHOVE, Derrick. **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. Matrizes. v. 9, n 1, jan./jun. 2015. p. 53-64.

LOPES, Maria Immaculata Vassallo de (2007). **Comunicação, Disciplinaridade e pensamento complexo**. XVI Encontro da Compós, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro (2009). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

MARTINO, L. C. Uma questão prévia: existem teorias da comunicação? In: **XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, Santos, 6-9 set. 2007.

PAVLIK, John V. **Ubiquidade: O 7º princípio do jornalismo na era digital**. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. p.159-184. Livros Labcom books, 2014.

PROULX, Serge. As pesquisas norte-americanas sobre a comunicação: a institucionalização de um campo de estudo. **Revista Questões Transversais – Revistas de Epistemologias da Comunicação**. V.2, n4, jul/dez. 2014.

ROSNAY, Joel. (1997). **O homem simbiótico: perspectivas para um terceiro milênio**. Editora Vozes, 1997.

RUDIGER, Francisco. A trajetória publicística como proposta criada de uma ciência de uma ciência da comunicação autônoma nos países de língua alemã. **Revista Comunicação & Sociedade**. Ano 33, n.57, jan/jun. 2012. p. 103 – 128.

SILVA, Fernando Firmino. Repórteres em campo com tecnologias móveis conectadas. In: BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana (Org). **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Labcom, 2013.

SILVEIRA, Stefanie Carlan. Jornalismo Ubíquo e dispositivo móveis: uma análise do produto do jornal The Guardian. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (Org). **Jornalismo Móvel: Linguagem, gêneros e modelos de negócio**. 2017. p. 412 – p.433.

WOLF, Mauro. (2005). **Teorias da Comunicação de Massa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2º Edição, 2005.

Recebido em 27 de março de 2021.

Aprovado em 20 de março de 2021.